



A VIVÊNCIA ESTÉTICA COMO PARADIGMA BIO-CULTURAL DA NATUREZA HUMANA¹

Arnildo Pommer². UNIJUI

INTRODUÇÃO: A produção em geral de formas e especificamente das formas artísticas, é somente um fato da cultura ou é também uma decorrência da adaptação biológico-evolutiva humana? A maioria dos tratados de estética sequer considera a adaptação evolutiva como participante da produção simbólica humana. Porém, ao se considerar a adaptação evolutiva dos sentidos da audição, do olfato e especialmente da visão, bem como a produção de imagens cerebrais como sínteses conceituais da interação como meio, somos levados a crer na anterioridade biológica da produção das formas. **MATERIAL E MÉTODOS:** Trata-se de pesquisa bibliográfica cuja finalidade é a de verificar, na literatura especializada, a partir do método hermenêutico-analítico, a possibilidade de se comprovar que a produção de formas se constitui numa vivência estética intrinsecamente estabelecida a partir da adaptação biológica evolutiva. A partir dessa abordagem será possível explicar a necessidade cultural da produção de formas, não como algo pré-determinado biologicamente, mas como atividade criativa inerente à natureza humana que resulta na cultura e não o contrário, ou seja, que a cultura e o meio determinem a criação de formas. **RESULTADOS:** A História da Filosofia constitui-se numa tradição de 2.600 anos; a tradição cristã tem 2.000 anos; a História das Ciências como a Biologia evolutiva, a Psicologia e a Antropologia tem aproximadamente 200 anos. A tradição filosófica antes de Cristo preocupava-se em criar os instrumentos lingüístico-formais de expressão do pensamento racional sobre a ordem do mundo considerado eterno, isto é, incriado, sendo organizado a partir de uma inteligência imanente. A Teologia Cristã, apoiada no Império Romano-cristão, se utiliza do instrumental racional da filosofia pagã para introduzir no Ocidente mito da criação do mundo por um deus a partir do nada. No início da Modernidade a Filosofia busca libertar-se da Teologia criacionista ao inventar métodos racionais de investigação científica. Dos primeiros resultados decorre a separação, pelo menos em parte, da pesquisa científica da Teologia, mas é somente com Charles Darwin (1809-1882) que o criacionismo é posto em questão. Mesmo repudiado por teólogos e filósofos tradicionais a teoria da evolução das espécies acabou prevalecendo, juntamente com outras teorias da física e da astronomia, como uma explicação razoável da existência da vida e da organização do mundo. Com isso ocorreu uma nova divisão da cultura: teólogos e filósofos tradicionais continuam a buscar explicações supra-rationais para os fenômenos naturais e culturais, enquanto filósofos e cientistas inovadores buscam compreendê-los em sua imanência orgânica. Na Modernidade constituíram-se inicialmente dois métodos com suas respectivas teorias da natureza humana: o inatismo cartesiano e o empirismo dito inglês. Se junta a eles, mais tarde, a doutrina do bom selvagem que mesmo não sendo um método de investigação advoga a bondade inata do homem em seu estado primitivo. No momento de seu estabelecimento estas doutrinas tinham um caráter inovador ao questionarem o absolutismo de direito divino, a desigualdade entre as pessoas, a nobreza de uns em detrimento de outros, o conhecimento como dádiva divina em vez de buscado racionalmente. Com o passar do tempo, porém, acabaram por tornar-se uma espécie de “religião secular” influenciando de modo sistemático a pesquisa e a produção no âmbito das ciências sociais e humanas até as últimas décadas do século XX. Essa influência produz um efeito contrário ao proposto inicialmente,

¹ Projeto de Pesquisa DFP/UNIJUI.

² Professor Doutor do Departamento de Filosofia e Psicologia. e-mail: arnildopommer@unijui.tche.br

especialmente na Antropologia e na Psicologia, de modo que qualquer afirmação de influência da condição biológica na produção da cultura humana soasse como um despropósito. Ou seja, a teoria da evolução das espécies passa a ser atacada, de dentro da academia, com argumentos teológicos ou transcendentais que parecem argumentos laicos.

DISCUSSÃO/CONCLUSÕES: O desenvolvimento da pesquisa no âmbito das ciências cognitivas desde meados do século XX tem mostrado resultados consistentes. A partir dessas pesquisas já é possível traçar um quadro da natureza humana, inclusive com alguns universais que se repetem filogeneticamente independentemente da cultura dos povos. Já é possível estabelecer com certa precisão o modo de como pensamos por imagens e de como as produzimos no cérebro. A partir destes aspectos é possível concluir que a vivência estética pode ser um dos universais inerentes à natureza humana em sentido biológico-evolutivo.